

## A GORDA VIOLETA

Aldyr Garcia Schlee

À memória de Eugene O'Neill  
(lembrando uma citação de “Violeta, a Gorda”,  
em *Long Day's Journey into Night*)

JAIMINHO chega em casa aos tombos, completamente borracho. Mundinho, que dormia no sofá da sala, abre-lhe a porta apressado; mas também está bêbado.

– Que é que tu andaste fazendo esta noite lá do outro lado? Garanto que foste te meter nos peixes<sup>1</sup> da beira da praia, na Mamá...

– Na Mamá Burnes? Claro que fui! Em que outro lugar teria encontrado eu uma fêmea do meu gosto e na minha medida?... E amor!... Não te olvides do amor! O que é o homem sem o amor?

– Deixa-te de bobadas...

– Pois te repito: o que é o homem sem o amor de uma mulher?... É uma casa vazia, nada mais!...

– Uma casa vazia...

– Querias que eu te levasse junto? Então adivinha qual das sereias do peixe da Mamá eu elegi para gratificar-me com seu amor de mulher?

– Que sei eu...

– Disso até vais achar graça; mas, que me importa!?... Eu elegi a Gorda, a Gorda Violeta!

– O quê!? A Gorda Violeta? Que mau gosto! Ela deve pesar como uma tonelada! Por que diabos a escolheste? Foi por brincadeira?

– Que brincadeira, que nada! Foi algo mui sério, mui sério...

– Sério? Logo lá no puteiro?

– Quando cheguei ao peixe de Mamá Burnes, eu me sentia com uma tristeza de não aguentar mais, uma tristeza que eu não sabia, que eu não sabia bem por que era: se era por toda minha sem-serventia ou por tua tuberculose ou pela loucura de mamãe ou pela criminosa avareza de papai – ou por tudo, por tudo isso e mais algo, muito mais. Era uma tristeza de soluçar, de chorar, de berrar... que eu precisava conter me apertando, me apertando – sabe? – como se estivesse para vomitar-me ou mijar-me ou cagar-me todo...

– Ora! Não me vem com essa de tristeza... Certamente já estavas mais que bêbado... e não pensavas em nada disso. Mas seria bom que pensasses ao menos em tua sorte e na de todos os desocupados do mundo, como tu, que não prestam para nada e não conseguem ir além da própria vadiagem e da própria malandragem...

– Ora, seu tuberculoso de merda! Vais me dar lição, agora? Pensas que não tenho lástima de ti – aí, condenado a viver o que te resta de vida com tesão e sem mulher? Pensas que não sei que vais morrer?

– Mentiroso de merda, tu! Fingido, enganador, vagabundo!... Dado só à gandaia e à preguiça!

– Pois sabes de uma coisa? Não importa o que me digas ou o que eu tenha te dito antes. Preciso é te contar que lá, lá no peixe, eu só queria um colo feminino para chorar e me desabafar.

– Ah, sim!... Como não!?

– Mal cheguei à porta, Mamá resolveu me levar para um canto e se pôs a confessar-me todos os seus problemas. Queixou-se de que os seus negócios lhe iam de mal a pior e me anunciou que ia despedir Violeta, a Gorda. Só conservava a Gorda no peixe – disse – porque a Gorda

sabia tocar guitarra. Mas ultimamente a Gorda – que não tinha clientes interessados nela – dera para beber: vivia alta demais para poder tocar; e desde muito não fazia mais a sua fêria. Os fregueses – a Mamá Burnes insistia em me dizer – não queriam saber da Gorda: era gorda demais, e bêbada... tão bêbada sempre a ponto de enredar-se os dedos nas cordas da própria guitarra.

A Gorda – me disse a Mamá Burnes – é uma pobre criatura simplória, boba, mas boa, de bom coração. A Gorda dava-lhe pena à Mamá Burnes; porque não podia ela, a Mamá Burnes, imaginar-se de que outra forma Violeta alcançaria ganhar a vida fora dali. Negócio, afinal, é negócio – disse-me ela, a Mamá Burnes – e não podia dar-se o luxo de dirigir uma casa para putas gordas e imprestáveis como a Gorda Violeta, tão gorda que já ninguém queria ou se animava a ir com ela para a cama.

– A Gorda Violeta é um elefante!

– Pois eu fiquei com pena dela, a Gorda. Então, ofereci-lhe os trocados que tinha para que me acompanhasse até o quartinho imundo do fim do corredor.

– Que barbaridade!

– Mas não! Nada disso: tu estás enganado. Estás enganado: com ela, eu... eu não tinha qualquer intenção desonesta...

– Intenção desonesta? O que pretendias, afinal?

– Tu sabes, guri, que me agradam as mulheres gordas... Mas não a esse ponto!

– Coitada da Violeta!

– Eu queria apenas ter uma pequena conversa com ela, de coração aberto, acerca da infinita tristeza da Vida!

– A infinita tristeza da Vida! Puta que pariu! Tu seguramente já estavas muito bêbado! E ainda estás demasiado bêbado, bêbado por demais!

– Pois é. Enquanto o velho Baco despertava em mim sua suave música sentimental, ela suportou minha conversa...

– O velho Baco e sua suave música sentimental! Que besteirada de palavrório frouxo e barato essa tua, logo para cima de uma inútil puta gorda: gorda como uma porca cevada pronta para o abate; e idiota como uma mula cega presa numa roda de olaria!

– Pois olha: ela, coitada, revelou-se afinal a mulher que é; que é de verdade, antes do que a porca cevada ou a mula idiota como a vês e pensas que ela seja. Ela aborreceu-se logo com minhas sinceras e sentidas palavras – que chamas de palavrório – sobre a tristeza da Vida; e perguntou direto, indignada, o que que eu estava pensando dela – se a tinha levado para o quartinho do fim do corredor só para deboche...

– Bah!... Viu?

– Me lançou na cara mil desaforos, e os mais feios e indecentes nomes, além de todas as suas piores pragas e as suas piores maldições – o que tu não podes imaginar!... Gritou-me que valia mil vezes mais do que um tipo à-toa como eu, um bêbado metido a dizer coisas que não eram mesmo para ninguém entender.

– Metido a dizer versos, a dizer versos dos outros... A repetir ideias e palavras dos outros como se fossem coisa sua, como se tivesse cabeça para pensar e coisas para dizer por si mesmo sem o encorajamento da bebida e sem o disfarce da mentira.

– Pois até pode ser... se estás com raiva e ciúme de mim e achas que minhas palavras não passam de simples desvarios de um bêbado. Mas te digo uma coisa: te digo que quando a Gorda Violeta pegou a chorar, a chorar de desespero e dor, parando de me agredir com seus maldizeres e palavrões e soluçando desconsolada diante de mim, eu... eu como que me morri de pena dela.

– Tu recendes a cachaça. Logo vais cair de borco aqui mesmo, desacordado, e vais esquecer tuas penas e as da Gorda Violeta.

– Enganas-te redondamente, guri. Teu irmão mais velho pode ter bebido o bastante para afundar um navio; mas não consegue afogar-se a si próprio. Hoje o dia foi longo, longo e penoso para todos nós, especialmente para ti. Sofremos com a confirmação dessa tua doença desgraçada; sofremos com a descoberta de que para as dores da loucura de mamãe já não basta só a morfina; e sofremos com a certeza de que papai vai mesmo te internar num isolamento para indigentes, porque ele sabe que assim fará menos gastos...

– Principalmente se eu morrer logo!

– Pois então, pelo menos por enquanto, trata de viver. Já que estás também um pouco bêbado, imagina-te – como eu – noite adentro no peixe de Mamá Burnes, nos aconchegos da Gorda Violeta, entre suas coxas, entre suas nádegas, entre seus têtos, nas suas dobras, nos seus sovacos, no seu pescoço, na sua boca. Imagina-te no entrar-se e no sair-se da Gorda Violeta, no roçar-se e no beijar-se, dentre os eflúvios de seus humores corporais e as emanções de seus untos e águas de cheiro. Imagina-te a reacender na Gorda Violeta as chamas da sensualidade, da lascívia e da luxúria que um dia a haviam feito mulher da vida; imagina-te a recuperar na Gorda Violeta as formas do carinho, do afeto e do amor que ela, moça, um dia soubera ter e retribuir apaixonadamente; imagina-te a despertar na Gorda Violeta as manifestações de meiguice, ternura e doçura que ela, ainda menina, um dia revelara como donzela virgem. Imagina-te a magia, o feitiço, o sortilégio...

– Para! Para! Cala-te com essa falsidade de feitiços e sortilégios, de meiguice e de ternura, de carinho e de afeto... Para com essa tua conversa de bêbado que fala como se estivesse representando uma peça, como se estivesse num palco...

– E por acaso não estamos num palco? Isso não é uma peça? Não representas aí o papel do filhinho querido da mamãe louca, o que queria ser poeta mas está condenado pela tuberculose e pela sovinice do pai?

– Cala-te, já te disse... Porco!... Imundo!...

– Pena que reajas assim. Pois a tua fala, na peça, agora seria outra. Olha a deixa: terias que me dizer, com desdém: “As prostitutas podem proporcionar prazeres muito seus, que o vulgo jamais compreenderá...”

– E tu me responderias, bêbado: “É isso mesmo! De fato, foi uma farra! Pena que não tenhas ido junto comigo!”

– Pois é. Mamá Burnes até perguntou por ti. Lamentou que tu... que tu... mas o que eu queria te contar é que a Gorda Violeta, enquanto eu ainda tentava abraçá-la e acariciá-la, pegou a chorar; e eu tive que lhe assegurar que a amava de verdade, que gostava dela, gostava muito dela justamente porque ela era assim gorda. Eu próprio quis crer no que afirmava; então fiquei com ela para provar. Isto a fez muito feliz: ela beijou-me, quando eu saí; e declarou-me que estava apaixonada por mim. Choramos um pouco mais no corredor, mas tudo acabou bem. Só que Mamá Burnes pensou que eu tinha ficado louco!

– Então está. Chega de representação. Chega de tortura, chega de crueldade e dessa dolorosa forma de tratar da vida como se fosse o encenar de uma peça – não de um drama, mas de uma tragédia; a tragédia de nossas próprias vidas: a de nossos pais, que são como se não nos tivessem por vivos; e a de nós dois, que somos como se já nos tivéssemos por mortos. Porque eu, eu estou condenado, sim; mas tu, tu na verdade não estás bêbado nem estás ficando louco. Tu estás morrendo também, estás morrendo de descontentamento e de desgosto, de mágoa e de pesar, de desventura e infelicidade... e logo estarás morto como eu...

– Meu irmão, não me contagies com a tua própria desventura, com tua mágoa e o teu descontentamento, logo agora ao final desta longa jornada, ao fim desta noite em que se abriram os meus olhos para uma carreira magnífica que o destino me reserva! Não que eu vá devolver às focas amestradas a arte de representar – da qual elas são a mais perfeita expressão. Mas te garanto que aplicarei os talentos naturais que Deus me deu – apesar do que pensas de mim – e alcançarei, dessa maneira, as culminâncias do êxito!

– Tu és um fracassado representando o próprio fracasso.

– Pois serei, assim mesmo, o amante da mulher gorda e barbada do Circo Panamericano. Imagina-te este teu irmão rendendo-se aos encantos da mulher gorda num mísero bordel da fronteira. Eu, que pensei sempre em fazer esperar e suplicar por mim as mais belas mulheres das fitas de cinema e das revistas de capas coloridas. Eu, que “de modo geral, experimentei todos os alegres caminhos que nos levam pelo Mundo!”

– Tu não tens jeito, mesmo. Bêbado ou não, és sempre o mesmo!

– Sim, eu sei. Esses “caminhos alegres” não passam de meras palavras. São as trilhas penosas que contam. Levam-nos, rapidamente, ao nada... a parte alguma!... onde todos nós vamos parar, no final, embora a maioria dos incautos não o queira reconhecer!

– Basta! Basta desse palavrório! Daqui a pouco vais estar chorando!...

– O engraçado, o triste, é tu não perceberes, não queres perceber que eu, só o que faço é chorar, é estar chorando... Mas tens razão! Mandemos para o Inferno os remorsos! Afinal, a Gorda Violeta é uma boa mulher; e me alegro por ter estado com ela. Foi um ato de caridade. Curei-lhe a tristeza e passei uns bons momentos. É uma pena que não me tenhas acompanhado, guri. Terias esquecido todas as tuas preocupações. De que te serve ficar aqui, metido dentro de casa entre uma mãe louca e um pai hostil se te entristeces com o que não tem mais remédio? É o fim – tudo agora acabou – não resta mais a menor esperança!

## NOTAS

<sup>1</sup> Peixe foi, durante muito tempo, a denominação dada a cada um dos prostíbulos que se distribuíam, num rosário deles, pela orla da praia do Jaguarão, lá junto à grande curva do rio. O nome se deve, parece, ao fato de que nesses lugares os clientes que bebessem algo eram obsequiados com porções de peixe frito.

De: *Conto da Vida Difícil*, a ser publicado em 2011.

